



LIVRE - ARBÍTRIO

“(…) O homem está subordinado ao seu livre-arbítrio; mas sua existência está também submetida a determinadas circunstâncias de acordo com o mapa de seus serviços e provação na Terra, e delineado pela individualidade em harmonia com as opiniões dos seus guias espírituais antes da reencarnação.

As condições sociais, as moléstias, os ambientes viciosos, o cerco das tentações, os dissabores, são circunstâncias da existência do homem. Entre elas, porém, está a sua vontade soberana.

Pode nascer num ambiente de humildade e modéstia, procurando vencer pela perseverança no trabalho e triunfando das deficiências encontradas; pode suportar as enfermidades com serenidade de ânimo e resignação; pode ser tentado de todas as maneiras mas só se tornará um criminoso se quiser.” (07)

O homem é, pois, livre para agir, para escolher o tipo de vida que queira levar. As dores, as dificuldades existentes na sua vida são provas e expiações decorrentes do uso indevido ou incorreto do livre-arbítrio em existências anteriores.

Se o homem “(…) tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.” (01) “A liberdade é a condição necessária da alma humana que, sem ela, não poderia construir seu destino. (...)”

À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades, que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que esta liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre este círculo e escape às forças opressoras.

A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes: a noção de moralidade é inseparável da de liberdade. (...)” (03)

“(…) Acrescentemos, porém, que o homem é livre, mas responsável, e pode realizar o que deseje, mas estará ligado inevitavelmente ao fruto de suas próprias ações. (...)” (08)

Analisemos, a seguir, o papel do livre-arbítrio no conceito de alguns campos do conhecimento humano:

“(…) Estudemo-lo, inicialmente, com base em renomados penólogos.

Segundo a Escola Clássica, o homem dotado de inteligência e livre-arbítrio é penalmente responsável, eis que:

a) — tem a faculdade de analisar e discernir;

b) — tem o poder de livre deliberação.

A sociedade tem, pois, o direito de punir, porque o criminoso tem vontade para delinquir.

De acordo com a Escola Antropológica, o homem age por força de funções somático-medulares, glandulares ou cerebrais.

Assim,

a) — O crime não é resultado da livre vontade do delinqüente, mas de fatores biológicos.

Divergem, como vemos, as escolas precedentes.

A Escola Crítica, Eclética ou Sociológica diz:

a) — O crime resulta não da livre vontade do delinqüente, como querem os Clássicos;

b) — nem da imposição de reflexos biológicos, herdados ou adquiridos, como querem os Antropologistas, mas exclusivamente, de FATORES SOCIAIS.

O Espiritismo tem explicação própria. Tem conceitos essenciais que se afinam, de alguma sorte, com as diversas escolas, indo, contudo, bem mais além, em virtude da reencarnação. (...)” (04)

O Espiritismo esclarece que:

1. Pelo uso do livre-arbítrio, construímos o nosso destino, que pode ser de dores ou de alegrias.
2. Quanto mais livre é o Espírito, mais responsável ele é.
3. A fatalidade, ou determinismo, pode ser traduzida pela escolha das provas feita pelo Espírito antes de encarnar.

Se há escolha de provas antes do renascimento corporal, o Espírito estabelece para si uma espécie de destino; daí o livre-arbítrio não ter uma medida absoluta, mas relativa.

Inúmeros são os exemplos da falência do Espírito pelo uso indevido, para o mal, do livre-arbítrio; mas vejamos alguns:

Com relação à posse de bens materiais: “(...) o homem é livre para reter quaisquer poses que as legislações terrestres lhes facultem, de acordo com a sua diligência na ação ou seu direito transitório, (...), mas, se abusa delas, criando a penúria dos semelhantes, de modo a favorecer os próprios excessos, encontrará nas conseqüências disso a feira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz da abnegação. (...)” (08)

Com a relação ao estudo, “(...) o homem é livre para ler e escrever, ensinar ou estudar tudo o que quiser (...); mas se coloca os valores da inteligência em apoio do mal, deteriorando a existência dos companheiros da Humanidade com o objetivo de acentuar o próprio orgulho, encontrará nas conseqüências disso a feira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do discernimento. (...)” (08)

Com relação ao trabalho, “(...) o homem é livre para abraçar as tarefas a que se afeiçoe (...); mas se malversa o dom de empreender e de agir, (...) encontrará nas conseqüências disso a feira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do serviço aos semelhantes. (...)” (09)

Finalmente, ‘com relação ao sexo, “(...) o homem é livre para dar às suas energias e impulsos sexuais a direção que prefira (...); mas, se para lisonjear os próprios sentidos transforma os recursos genésicos em dor e desequilíbrio, angústia ou desesperação para os semelhantes, pela injúria aos sentimentos alheios ou pela deslealdade e desrespeito nos compromissos e ajustes afetivos, (...) encontrará nas conseqüências disso a feira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do amor puro. (...)” (10)

Como se vê, “(...) todos somos livres para desejar, escolher, fazer e obter, mas todos somos também constrangidos a entrar nos resultados de nossas próprias obras. (...)” (11)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. In: **O Livro dos Espíritos** Trad. de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1993. Perg. 843.
- 02 - Perg. 844.
- 03 - DENIS, Léon. O livre-arbítrio. In:_. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** 12. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1983. Parte 3 Pág. 342.
- 04 - PERALVA, Martins. Espiritismo e Livre-Arbítrio. In:_. **O Pensamento de Emmanuel** 2. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1978. Págs. 199 a 201.
- 05 - Pág. 200.
- 06 - XAVIER, Francisco Cândido. O elemento dominante. In:_. **Palavras do Infinito** Pelo Espírito Humberto de Campos. 5. ed. São Paulo: LAKE, 1978. Pág. 95.
- 07 - O livre-arbítrio e a fatalidade. In:_. **Palavras do Infinito** Pelo Espírito Humberto de Campos. 5. ed. São Paulo: LAKE, 1978. Págs. 94 - 95.
- 08 - Livres, mas responsáveis. In:_. **Encontro Marcado** Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1978. Págs. 160- 161.
- 09 - Págs. 161-162.
- 10 - Pág. 162.
- 11 - Pág.163.
- 12 - XAVIER, Francisco Cândido. Dolorosa perda. In:_. **No Mundo Maior** Pelo Espírito André Luiz. 20. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1995. Págs. 140 a 153.